

Dossiê: Velhices e Experimentações Teórico-Metodológicas na Antropologia

O crochê como tecitura de vida e método de pesquisa: uma etnobiografia de Vó Edi

Juliana Martins Marco

Universidade Federal de Pelotas
juliana.martins130@gmail.com – <http://orcid.org/0009-0003-9408-9340>

Claudia Turra Magni

Universidade Federal de Pelotas
clauturra@yahoo.com.br – <http://orcid.org/0000-0002-3478-7708>

RESUMO

A velhice, frequentemente marcada por estigmas sociais, pode ser compreendida de novas formas ao observarmos os saberes, práticas e memórias de idosos. Este artigo parte da etnobiografia de Edi Magda, avó de uma das co-autoras, para refletir sobre as potencialidades do crochê como método de pesquisa, prática de vida, compreensão do envelhecimento, questões relacionadas à desigualdade de gênero e de classe social. A etnobiografia articula observação participante, registros audiovisuais e o crochê como meio de correspondência, comunicação e metáfora na narrativa etnográfica. Essa prática manual, além do domínio técnico, constitui legado simbólico entre gerações, modo de construir presença, autonomia, e caminho para compreender como saberes e afetos se entrelaçam nas experiências de viver, conviver e envelhecer. O estudo amplia o olhar antropológico sobre a velhice, mostrando-a como experiência plural, transgeracional, situada e significativa.

Palavras-chave: Crochê; Velhice; Etnobiografia; Antropologia Social; Método de correspondência.

Crochet as a way of life and a method of research: an ethnobiography of Grandma Edi

ABSTRACT

Old age, often marked by social stigmas, can be understood in new ways when we observe the knowledge, practices, and memories of elderly people. This article uses the ethnobiography of Edi Magda, grandmother of one of the authors, to reflect on the potential of crochet as a research method, a way of life, a means of understanding aging, and issues related to gender and social class inequality. The ethnobiography articulates participant observation, audiovisual recordings, and crochet as a means of correspondence, communication and ethnographic interaction. This manual practice goes beyond technical mastery, constituting symbolic legacy across generations, a way of building presence and autonomy, and a path to understanding how knowledge and affections intertwine in the experiences to live, to coexist and to grow old. The study broadens the anthropological view of old age, showing it as a plural, transgenerational, situated, and meaningful experience.

Keywords: Crochet; Old age; Ethnobiography; Social Anthropology; Correspondence method.

El crochet como tejido de vida y método de investigación: una etnobiografía de la Abuela Edi

RESUMEN

La vejez, a menudo marcada por estigmas sociales, puede entenderse de nuevas formas al observar los conocimientos, las prácticas y los recuerdos de las personas mayores. Este artículo utiliza la etnobiografía de Edi Magda, abuela de una de las coautoras, para reflexionar sobre el potencial del crochet como método de investigación, estilo de vida, forma de comprender el envejecimiento y cuestiones relacionadas con la desigualdad de género y clase social. La etnobiografía articula observación participante, grabaciones audiovisuales y crochet como medio de correspondencia, comunicación y metáfora en la narrativa etnográfica. Esta práctica manual, más allá del dominio técnico, constituye un legado simbólico intergeneracional, una forma de construir presencia y autonomía, y un camino para comprender cómo el conocimiento y los afectos se entrelazan en las experiencias de vivir, coexistir y envejecer. El estudio amplía la perspectiva antropológica sobre la vejez, mostrándola como una experiencia plural, transgeneracional, situada y significativa.

Palabras clave: Crochet; Vejez; Etnobiografía; Antropología social; Método de correspondencia.

Escolhendo as agulhas e linhas: uma breve introdução

Nossa sociedade carrega visões estereotipadas sobre a velhice, frequentemente associando-a à irrelevância social e incapacidade de produzir riquezas. No Brasil urbano do século XX, especialmente nas cidades portuárias como Rio Grande, a inserção feminina no trabalho remunerado foi atravessada por desigualdades de gênero e pela divisão sexual do trabalho. Segundo Guita Grin Debert (1999) e Clarice Peixoto (2000), as mulheres mais velhas, muitas vezes, permaneceram associadas às esferas domésticas e ao cuidado, o que reforçou sua invisibilidade social. No entanto, as experiências, memórias e saberes-fazer de pessoas velhas constituem um repertório valioso de conhecimento de vida, capaz de revelar práticas, percepções e relações sociais de épocas anteriores, além de oferecer reflexões sobre padrões culturais e estruturas de poder. A trajetória de Edi Magda insere-se nesse contexto, em que o fazer manual — o crochê — tornou-se não apenas uma forma de renda e sobrevivência, mas também um modo de afirmação e presença no mundo.

Partindo deste princípio, na trajetória de uma mulher de mais de oitenta anos, avó materna de uma das autoras deste artigo, reconhecemos como a prática do crochê revela saberes, memórias e formas de engajamento que contribuem para uma compreensão plural da velhice, articulada a dimensões de gênero, classe social e geração. Apesar da vasta literatura sobre envelhecimento no Brasil, muitas análises ainda priorizam aspectos biomédicos ou políticas públicas, deixando em segundo plano as experiências cotidianas, os saberes práticos e as formas de agência de pessoas idosas. Ao olhar para o crochê como prática social e sensível, esta pesquisa desloca a velhice do campo da dependência e da passividade, revelando modos de agir, criar e responder ao mundo. Edi Magda, nascida em 1944, na cidade portuária de Rio Grande, no extremo sul do Rio Grande do Sul, teve sua história e seu cotidiano marcados pelo cuidado com a família e pela prática do crochê, evidenciando o entrelaçamento entre corpo, memória e compartilhamento de saberes-fazer que revelam formas de engajamento e resistência muitas vezes despercebidos em estudos sobre velhice.

Neste artigo retomamos a etnobiografia realizada pela co-autora (Marco, 2025), neta desta senhora, iniciando por considerações sobre a importância do crochê como dispositivo metodológico, prática manual e simbólica e meio de comunicação sensível capaz de revelar a experiência da velhice entrelaçada por memórias, corporalidades e relações sociais.

A seguir, sob a designação “Ponto Alto - o crochê”, trazemos relatos da protagonista, destacando quatro seções. Na primeira, intitulada “Um pouco com cada

pessoa”, a interlocutora fala sobre as primeiras experiências com o crochê e o tricô, aprendidos por diferentes mulheres ao longo da vida. A segunda seção, “Crocê se faz com o corpo todo”, concerne à experiência concreta do ensinamento/aprendizado do crochê entre avó e neta, como modo de correspondência na construção colaborativa da etnobiografia. A seguir, “Crocê como legado e atualização” trata desse saber-fazer como memória materializada e atualizada no convívio entre gerações e com as novas tecnologias digitais. O artigo finaliza sob a alcunha “Linhas da vida”, em que o fazer crochê se conecta à trajetória de vida de Edi Magda, entendendo seus caminhos como fios traçados no tempo, da mesma forma que a tessitura da etnobiografia.

O crochê como trama metodológica da etnobiografia

Na etnobiografia desenvolvida com Edi Magda, o crochê, mais do que objeto de investigação, tornou-se método de correspondência, nos termos de Tim Ingold (2015, 2016, 2022), na medida em que esta prática acompanhou a observação participante e as entrevistas informais em forma de conversas entre avó e neta, ao longo de todo trabalho de campo. Para o autor, “corresponder” é estar *com* e *entre* os outros, estar presente e implicado, em vez de observar de fora. Assim, o crochê, ao ser praticado junto à interlocutora, torna-se mais do que uma técnica: torna-se uma prática de atenção e reciprocidade, feita com o corpo, as mãos e o tempo compartilhado. Corresponder, nesse contexto, é escutar com o corpo, responder com o gesto e escrever com as mãos, num fluxo contínuo entre vida e etnografia. Portanto, enquanto prática artesanal e simbólica e modo sensível de comunicação, o crochê constitui aqui um dispositivo metodológico para compreender o compartilhamento e a transmissão intergeracional de saberes, articulando memória, corporeidade e afetos. A escuta implicada na observação e aprendizado dessa habilidade manual, como defende Ingold (2022a) permitiram mapear fluxos de aprendizagem e interação com o mundo, mostrando como experiências cotidianas podem se transformar em instrumentos de reflexão teórica sobre envelhecimento, gênero e classe social. Não se trata apenas de usar o crochê como imagem explicativa, mas de compreendê-lo como método de pesquisa. O gesto, o ritmo e a repetição constituíram um modo de aprender com Vó Edi, produzindo conhecimento pela convivência, e não pela coleta de dados. O método, aqui, passou pelas mãos antes de passar pelas palavras.

O trabalho de campo foi realizado entre 2022 e início de 2025 nos encontros familiares de fim de semana na casa de Edi Magda (doravante chamada Vó Edi), onde suas histórias foram gravadas pela neta e pesquisadora em áudio e vídeo, tendo gerado um

ensaio audiovisual intitulado “As linhagens”¹. Sendo uma etnografia feita no seio da própria família da pesquisadora, ela implica na construção compartilhada do conhecimento, como propõe Rose Satiko Hikiji (2013), e num jogo de estranhamento e familiarização em meio à trama de afetos, memórias experiências e transformações que atingem ambas as interlocutoras, avó e neta/etnógrafa.

O estudo do familiar na antropologia, segundo Gilberto Velho (1987), permite compreender as dinâmicas sociais que moldam nossas vidas, mas exige o esforço de estranhamento e análise crítica. Longe de ser um obstáculo, essa reflexividade enriquece a pesquisa, permitindo equilibrar envolvimento pessoal e distanciamento analítico, como lembra Clifford Geertz (2008). Ao investigar experiências de pessoas próximas, podemos conhecer suas particularidades e relacioná-las a questões mais amplas — no caso desta pesquisa, às dimensões interseccionais de classe e gênero.

As vivências da Vó Edi refletem e se entrelaçam com trajetórias de outras mulheres que enfrentaram desafios semelhantes, conectando memórias pessoais ao contexto social, cultural e histórico. Assim, a etnobiografia, como explica Marco Antonio Gonçalves (2018), ao combinar biografia e etnografia, permite compreender como experiências individuais, ao mesmo tempo que constituem, também são moldadas por contextos coletivos.

A trama desta narrativa etnobiográfica foi tecida com os registros sonoros, videográficos, fotográficos, gráficos e textuais, mas também pelo crochê, enquanto artefato e prática compartilhada no processo de pesquisa. Tal como fez Gabriela Novais (2023) em sua etnografia com mulheres quilombolas que praticam o bordado e o fuxico, aqui o crochê foi meio de colocar em prática o que Ingold (2016) define como “educação da atenção” ao longo do trabalho de campo. Foi meio de “aprender junto” com Vó Edi, os pontos que ela tece com tanta habilidade e destreza, de modo a parecer fácil o movimento entre as mãos, o fio e a agulha. Essa prática, observada de forma participativa, transformou o fazer compartilhado em meio de interação e construção de conhecimento, além de escuta sensível de saberes corporais e de experiências de vida difíceis de expressar apenas com palavras. Assim como as fotografias, os vídeos, os gestos e as falas, o crochê, enquanto processo e produto, foi vetor de comunicação sensível para tramar uma etnografia verbo-tátil-visual carregada de materialidade e metáfora sobre a vida de Vó Edi.

¹ O ensaio audiovisual está disponível em: <https://youtu.be/5YB73-jbwkI>. Acesso em 08 ago. 2025.

Michael Pollak (1992) lembra que a memória se constrói a partir do contexto social presente e das relações vividas por quem narra. Quando Vó Edi conta suas histórias, as memórias vão e voltam entrelaçando experiências indissociáveis de estudo, trabalho e vida familiar. Ao revisitar sua trajetória, ela reavalia situações de separação, criação de filhos e trabalho, reinterpretando-as a partir de seu lugar atual, como idosa respeitada pelos seus familiares e amigos. Suas lembranças revelam conflitos de gênero, escolhas difíceis e a construção de sua identidade como mulher, mãe e trabalhadora. As memórias se organizam como uma tessitura afetiva, costurando experiências repetidas, sobrepostas e, às vezes, contraditórias.

Os registros audiovisuais produzidos ao longo do trabalho de campo não funcionam apenas como apoio documental da pesquisa, mas como parte constitutiva da narrativa etnográfica. As falas, os gestos, os silêncios e o fazer manual compõem camadas de sentido que não se organizam de forma linear. Como propõe Rafael Devos (2007) ao refletir sobre os “filmes de memória”, a narrativa se constrói como um hipertexto, no qual diferentes fragmentos — imagens, sons, movimentos — se articulam e se reativam mutuamente, produzindo uma memória espessa e situada. O crochê, nesse contexto, opera como um desses fios narrativos, acionando lembranças e histórias no próprio ato de fazer.

Como observa Myriam Lins de Barros (1989), ao narrar, a pessoa reconfigura afetos, relações e autoridade familiar, utilizando o espaço da memória para ser ouvida e ressignificar sua vida, transmitindo um legado simbólico tecido com gestos e modos de ver o mundo. É justamente nesse entrelaçar de lembranças e saberes que se revela a experiência da velhice de Vó Edi. O crochê, para ela, nunca foi apenas uma técnica manual ou um passatempo, pois ele atravessa sua vida, conectando memórias, afetos e saberes compartilhados entre mulheres de sua família.

Mas essa prática cotidiana também oferece uma perspectiva sobre o envelhecimento como experiência plural, intergeracional e situada. Os estudos de Debert (1999) e Peixoto (2000) destacam que as experiências de pessoas idosas são atravessadas por gênero, classe, corporalidade e relações de poder, e que atividades como o crochê podem constituir formas de engajamento, resistência e reinvenção da vida cotidiana.

Desse modo, as contribuições de ambas as autoras são fundamentais para pensar a velhice de forma mais crítica, especialmente quando olhamos para trajetórias como a de Vó Edi, cuja experiência carrega uma sabedoria encarnada nas práticas cotidianas. Suas memórias escapam das categorias dominantes e propõem outras formas de viver e significar o envelhecer, formas que não dependem de consumo, mas de presença e da

educação da atenção. Assim, ao observar Vó Edi envolvida e ensinando o crochê, percebe-se como cada gesto, ponto e decisão refletem não apenas saberes manuais, mas modos de viver a velhice com autonomia, criatividade e presença no mundo.

Ponto Alto - O crochê

Nas seções a seguir, foram reunidos aspectos que se destacaram ao longo do trabalho de campo, permeados por relatos e práticas de correspondência.

Um pouco com cada pessoa



Figura 1 - Vó Edi fazendo crochê enquanto relata com quem aprendeu. Fonte: Acervo da autora.

Vó Edi costuma fazer crochê sentada no sofá da sala de sua casa, onde uma lareira aquece os dias de inverno e uma janela de madeira ilumina o ambiente. Sentada na ponta do sofá de frente para a TV, ela apoia em um *puff* o estojinho bordô das agulhas junto com o caderno onde anota as encomendas de crochê e tricô. No sofá, ao seu lado, fica um cestinho branco com as lãs, de onde sai uma linha até suas mãos. Ela manipula essas linhas com destreza e habilidade, ajeitando o crochê, enquanto assiste um filme na companhia de suas duas filhas e da neta, que aproveita a ocasião para lhe propor que conte sobre sua vida, registrando em áudio e vídeo o material para a pesquisa. Ao fundo, se escuta o barulho da chuva.

O crochê fez parte da vida de Edi, desde pequena até os dias de hoje. Sua infância foi marcada pelo trabalho precoce, devido às condições financeiras da família, que a

obrigaram a interromper seus estudos formais na terceira série da escola. Nesse sentido, o crochê não foi apenas passatempo, mas conhecimento aprendido com outras mulheres da família e do trabalho.

Perguntada sobre quem lhe ensinou a fazer crochê e tricô, ela responde, sem parar a atividade manual:

O crochê, acho que foi com 12, 13 anos. Depois, em seguida, eu aprendi o tricô também, que daí o tricô, eu aprendi com a minha cunhada, Elvira, irmã do teu avô. Aí eu ia lá pra Elvira, ela que me ensinou. [...] o primeiro ponto de crochê eu aprendi com a minha avó, aí os outros e mais coisas fui aprendendo assim, um pouco com cada pessoa, um pouco com a minha outra cunhada também, que me ensinou, fazer casaquinho de nenê. E aí eu fui aprendendo cada coisa com uma pessoa. Eu ia aprendendo ao longo da vida. Agora eu tiro muita coisa pelo Youtube. (Depoimento de Edi Magda, 07/09/2023).

O saber dela se constrói em rede e atravessa gerações. Uma teia de gestos ensinados por muitas mulheres: avó, cunhadas, vizinhas. Quando precisou largar o emprego na fábrica de peixe como tarefaira, por conta dos “fascos” do marido quando ia buscá-la na frente do serviço, decidiu procurar uma forma de trabalho mais doméstico, para continuar aumentando a renda familiar. Todas as tardes, ela saía de casa com uma sacola de tecidos e linhas, e seguia até a casa de sua tia Araci:

Aí a tia me deu a aula mesmo de como ela faz os moldes, desde o início dos moldes até o final. Aí eu ajudava ela nas costuras, fazia as bainhas, costura de mão, essas coisa tudo, partia, fazia, e ela me dava uns trocados. Aí, pra mim, foi bom aquilo (Depoimento de Edi Magda, 27/11/2022).

Ela conta isso com um sorriso no rosto, como quem se orgulha do que conquistou sozinha, com leveza e gosto. Porém, relata que, novamente, devido à insistência do marido e da sogra, que apoiava o filho, precisou largar este serviço também. Cada tentativa de estudar, trabalhar ou aprender algo novo era sabotada por ambos.

As interrupções sistemáticas impostas pelo marido às tentativas de estudo e trabalho de Vó Edi não configuram episódios isolados, mas expressam relações de gênero marcadas pelo controle masculino e pela desvalorização da autonomia feminina, elementos estruturantes do patriarcado vivido por muitas mulheres de sua geração.

No entanto, sua força de vontade nunca permitiu que ela se acomodasse. Depois de separada do marido, voltou a estudar e trabalhar. Passou por fábricas de enlatados, hospitais e trabalhou ainda no porto de Rio Grande, primeiro como telefonista, e por último, como enfermeira. Ali, nos intervalos, reunia-se com as colegas para conversar e fazer crochê. Trocavam pontos, receitas e assim iam. Faziam para si mesmas e para as

filhas, “a gente já comprava lã e já ia fazendo”. Como ela relata, era uma prática coibida pelos empregadores:

Chegava alguém, a gente escondia tudo. A gente dava uma receita pras outras. Eu ensinei a Maria Helena uns pontos, ela me ensinou outros. A dona Maria também. Todo mundo fazia tricô e crochê. Só Seu Ivo que não fazia nada. Seu Ivo trabalhava junto com a gente. Então, na hora de descanso dele, ele ia pra rua, ia respirar, não sei o que. Mas nós, não, nós era crochê. A gente fazia no serviço, era bom. Era legal, trabalhando e fazendo. Aí, quando eu fui pra enfermaria, em 81, a Cris já tinha [...] 7 anos. Aí fazia. Era proibido, mas eu não sabia. Elas eram tão ‘cachorras’, não disseram nada que era proibido - a Suzana, que era a nossa chefe. Aí a Suzana chegou e viu o tricô. [...] E a Suzana ficou chateada porque elas fizeram ‘cachorrada’, eu não sabia (Depoimento de Edi Magda, 15/12/2024).

Na materialização do crochê, estava tudo: as amizades, as injustiças, a memória dos afetos e das faltas, as desigualdades de gênero e de classe. Essas camadas revelam como práticas aparentemente simples guardam profundidades simbólicas e sociais. Ao fazer crochê no intervalo do trabalho, mesmo quando era proibido, Vó Edi mantinha ativa uma forma de se relacionar com o mundo, que ia além da função decorativa ou utilitária da peça. Como propõe Ingold (2022a), o saber não está contido nos objetos prontos, mas no próprio percurso do fazer, nas linhas traçadas entre corpos, materiais e gestos.

Um ponto aqui, outro ali. Casquinho de nenê, camisola, conjunto. Cada peça que ela citava em seu relato tem uma história, uma memória, um nome envolvido. Foi nesse gesto contínuo de aprendizado, partilhado entre corpos e olhares, que é possível reconhecer o que Tim Ingold (2016) chama de educação da atenção. Para o autor, a antropologia deve se abrir para os modos sensíveis de aprender no mundo, mergulhando nas práticas, ouvindo com o corpo e fazendo com os outros.

Crochetar, ali, era uma maneira de sustentar relações e atenção com as colegas, as filhas e com o próprio corpo. Era também uma forma de resistência silenciosa. No ambiente de trabalho, o crochê criava uma rede de correspondência entre mulheres, onde o gesto de ensinar e aprender pontos se tornava também um gesto de cuidado. Nas interrupções sistemáticas provocadas pelo marido em seus esforços para sustentar a família e estudar, o crochê se tornava uma maneira de não ceder ao lugar de opressão e segregação que o sistema patriarcal lhe impunha.

Em “Esperança Feminista”, Débora Diniz e Ivone Gebara (2022) destacam vivências pessoais na luta contra hierarquias excludentes, dentre as quais, está o “reparar”: “um verbo que nos remete à caixa de costura: fazer reparo nas meias furadas, nas roupas esgarçadas, nas bainhas dos outros” (Diniz & Gebara, 2022, p. 133). Ainda que Vó Edi

não nomeie sua trajetória a partir de um vocabulário feminista, suas escolhas e práticas cotidianas revelam formas de reparo, cuidado, agência e resistência que dialogam com debates do feminismo, especialmente aqueles voltados às experiências de mulheres trabalhadoras, para quem a autonomia se constrói no cotidiano, entre limites, negociações e reinvenções possíveis.

Este aprendizado é revivido e ressignificado no ato de parar, reparar, atentar, rememorar, narrar estas opressões patriarcais, estes saberes e formas de resistência que passam pelas técnicas do corpo e pelo aprendizado destas técnicas, como ensina Marcel Mauss (2003), construídos aos poucos, entre o toque e o tempo. Vó Edi recita com orgulho o “ponto meia”, o “ponto tricô” ou “ponto santa clara” — nomes dessas técnicas que domina com maestria e cujas receitas foi aprendendo com outras mulheres, foi criando por conta própria, ou, mais recentemente, atualizando pela internet, em videoaulas do Youtube. Portanto, ela não fez nenhum curso, mas “aprendeu a aprender”, como propõe Gregory Bateson (2025), pelo autoaprendizado e pela convivência partilhada na rede de parentesco e trabalho.



Figura 2 - Vó Edi fazendo crochê, gesto que remete à sua iniciativa de aprender essa técnica ainda na infância. Fonte: Acervo da autora.

Ela coloca o crochê no colo, segurando a ponta do trabalho com uma das mãos e a outra pousando em cima. Sua memória se faz viva quando perguntada se foi ela quem teve a iniciativa de aprender a fazer crochê:

Foi, que eu via a Elvira fazer e gostava de aprender, queria aprender, sempre gostei, eu acho, de tricô mesmo, e o crochê eu sempre gostei (Depoimento de Edi Magda, 07/09/2023).

Além do aprendizado com outras pessoas, Vó Edi também tirava receitas e pontos por livros e gráficos. Ela lembra com exatidão das peças que fez, das cores, dos pontos que usou, como se estivesse segurando a peça ali naquele momento em que relata. A vida atravessa os fios. As histórias se cruzam nos pontos.

Aí quando eu casei, aí a Elvira que fez o enxoval, do guri né, do meu filho. Depois ficou pra Rita, mas aí eu fui aprendendo a fazer. Aí eu fiz casaquinho, fiz camisola pra Rita, Rita era pequena, tinha uma camisola tão bonita, ficou de crochê, não, de tricô. Aí fiz pra Lu um conjunto azul, achando que era guri. Aí, como não foi guri, foi guria, aí eu vendi, mas ficou tão bonita! Era uma lã, acho que do Uruguai. Quem trazia era a vizinha do Zé, falecido Zé, eu esqueci o nome dela, até trabalhei com ela na Beneficência. E ela trazia lãs do Uruguai, era uma lã azul. Ficou tão bonito aquele conjunto! Um ponto que eu fiz, que eu tirei de um livro em espanhol, era Plissê Cajado, que é um Plissê aberto, né, com ponto aberto, que era tipo um Plissê mesmo. Aí eu tirei desse livro espanhol, um livrinho pequeno que eu tinha, não sei se foi a Cida que me deu, e fiz o conjuntinho pra Lu. Ficou tão bonita a calça, um macacãozinho, um casaquinho, sapatinho. Ah, uma vizinha da Clarinha tava grávida, assim, se encantou pela roupa e comprou, e nem lembro se eu vendi certo o preço (Depoimento de Edi Magda, 07/09/2023).

Essa prática silenciosa, feita entre a rotina da casa, o cuidado com as filhas, o trabalho fora, é também uma forma de se manter presente. Cada ponto aprendido é um traço de si. Cada peça feita, uma marca de sua passagem. Ao ouvi-la contar, percebe-se que não se trata apenas de uma história sobre fios, mas do modo como ela construiu sua vida, entrelaçando saberes, afetos e gestos.

Ao longo de sua trajetória, o crochê teve importância econômica concreta, ainda que não configurasse a principal fonte de renda da família. A venda de peças, a realização de encomendas e a produção contínua permitiram a Vó Edi complementar o orçamento doméstico em diferentes momentos de sua vida, especialmente quando suas possibilidades de trabalho formal eram limitadas por exigências familiares e relações de gênero marcadas pelo controle masculino.

Há desejo de aprender mais. Mesmo com tantos anos de prática, ela ainda quer fazer o que não sabe. O aprendizado não acaba, ele se alonga como um fio que nunca termina. Um ponto leva ao outro, uma lembrança chama outra. Em sua fala, o crochê e o tricô transbordam da materialidade para um desejo de autonomia, de criação, de resistência, e também do modo de construção de sua vida.

Crochê se faz com o corpo todo

Na escrita desta etnobiografia surge uma imagem muito bonita: Elvira ensinando a Vó Edi e ela ensinando a co-autora deste artigo, como se as três estivessem lado a lado, unidas pela mesma linha transgeracional. Neste momento, o trabalho de campo ganha outra dimensão de partilha, quando Edi ensina tal habilidade à neta/etnógrafa.

Diante da proposição, na cozinha, jogando cartas, ela consente: “tá, amanhã a gente pega a linha e eu te ensino, primeiro vou te ensinar a fazer a correntinha”. No dia seguinte, sentadas à mesa da cozinha, ela na cabeceira e a aprendiz à sua esquerda, ela escolhe a agulha ideal, repara o tamanho com o olho treinado: “essa é a agulha dois...”. Pede para a aprendiz escolher a linha, de preferência, clara para poder ver melhor os pontos. Começa dizendo com leveza — “eu aprendi assim...” — e demonstra. Com a agulha e a linha, ela repete o movimento das mãos já tão treinadas: “pra fazer a corrente tu vai fazer isso aqui...ó...vou te ensinar bem pra tu fazer. [Por]que a próxima tu vai fazer, eu faço um e depois tu faz”. De vez em quando, olhava para a aluna, para ver se ela estava prestando atenção.

Ó, pega assim, faz a volta assim... tem gente que não sabe e faz diferente... aí, já faz uma correntinha, ó começou, aí tu vai fazer umas quantas correntinha. É o teu trabalho que tu quer né. Vamo supor, tu vai medir, né, se é uma largura de 60cm, tu vai fazer as corrente; se é um quadradinho, faz uma argolinha... tá, agora vê se tu consegue, tem que pegar aqui... (Depoimento de Edi Magda, 15/12/2024).

Ela então entrega a agulha e a linha para a neta, ajeita sua mão, posiciona a linha entre os dedos e fala com firmeza e cuidado: “Esse teu dedo aqui é que vai manobrar. tem que deixar sempre a linha aqui em cima e embaixo desse”. Ela fica atenta aos movimentos da iniciante, dando dicas para o ponto ficar melhor — não muito largo nem muito apertado. Neste jogo de ensinamento e aprendizado, Vó Edi presta atenção no gesto da aluna, auxiliando-a sobre como conduzir agulha e linha, apontando os erros e estimulando-a corrigi-los. Nesse exercício, o corpo aprende não apenas a técnica, mas um modo de estar no mundo. Pela educação da atenção (Ingold, 2016), o aprendizado se dá na prática, no gesto e na escuta. Aqui, a neta/etnógrafa não apenas observa: ela aprende com o corpo, seguindo o mesmo caminho que Vó Edi percorre. O gesto de ensinar e o de aprender se misturam, constituindo uma forma de etnografia compartilhada (Hikiji, 2013) em que o conhecimento emerge da convivência e não da distância.

O movimento das mãos, o jeito de segurar a agulha, a posição da linha entre os dedos, tudo isso é um saber que não se explica só com palavras. É o corpo que aprende. É nesse sentido que Marcel Mauss (2003) nos ajuda a pensar sobre “técnicas do corpo”,

bem como sobre as técnicas de ensino e aprendizado destas técnicas do corpo. Para o autor, aquilo que fazemos com o corpo, como caminhar, nadar, dormir, comer, é adquirido com os outros. São formas de agir socialmente aprendidas e transmitidas. O corpo, para ele, é um instrumento moldado historicamente, culturalmente e afetivamente. Cada cultura ensina seus corpos a fazerem o mundo de formas diferentes.

É também assim com o crochê. Um ponto, um gesto, um modo de segurar a linha. Um pouco de cada mulher ficou em suas mãos. O aprendizado se dá de modo dinâmico, com corpos em relação e movimento (Ingold, 2016). Entre um ponto e outro, Vó Edi comenta: “trabalha toda a mão. Eu começo a fazer crochê, começa a me doer o braço, começa a me doer. É... *o crochê tu faz com o corpo todo*”.

E nesse gesto de ensinar, ela não faz o ponto pela aprendiz, mas com ela, ao seu lado, prestando atenção em cada erro, ajustando sua mão, indicando o próximo passo. Ambas fazem juntas. A mestra com sua memória de ponto, a aluna, com seu esforço de aprender. E talvez por isso o crochê também seja uma forma de escuta. Um jeito de prestar atenção no tempo, no outro, no cuidado. É corpo e gesto entrelaçados.



Figura 3 - Vó Edi dizendo: “tenteio é esse jeitinho de fazer”. Fonte: Acervo da autora.



Figura 4 - Vó Edi, com paciência e cuidado, guia meu olhar no ponto. Fonte: Acervo da autora.

“Até tu aprender, tem que fazer umas quanta vez, aí tu aprende, não é difícil, já pegou o tenteio já. [...] Tenteio é esse jeitinho de fazer”, ela dizia. Esse *tenteio* era a forma com que o corpo vai adquirindo um ritmo, um compasso. O tenteio é o gesto que se afina com a linha. Não se ensina com palavras, mas se transmite com presença. É preciso ver, sentir, tentar. “Depois que tu pega o tenteio, só vai”. Nos momentos que a neta afrouxava demais ou apertava demais o ponto, ou ficava algum buraco na carreira, ela dizia para desmanchar e fazer de novo, pois “é assim que a gente aprende”, mostrando que o erro também faz parte do processo.

Diante do erro, ela me explica com tranquilidade de quem compreende que a prática vem antes da perfeição: “não, tá bom assim. Tá bom assim. Agora faz outra argolinha. Todo iniciante é muito apertado, o crochê e tricô também”. E assim seguia o ensinamento/aprendizado: ponto por ponto. Ela me mostrava, fazia junto, ria dos erros da aprendiz e comemorava a cada acerto: “...outra, agora tu já melhorou, isto!... tem que treinar bastante isso pra depois os outros pontos. Ó visse? Já aprendesse!”.

O gesto de querer aprender, de observar o entrelaçar dos fios, de escutar com o olhar e com o corpo, constituiu uma forma de aproximação e correspondência etnográfica, mesmo que tal prática não tenha se estendido por todo o trabalho de campo.

A ideia de correspondência (Ingold, 2016), se concretizou nessas experiências de construção etnobiográfica mediada pelo aprendizado do crochê, em que pesquisadora e sua interlocutora sentam-se lado a lado, observando os gestos mutuamente, imitando os movimentos das mãos da instrutora, errando e refazendo. Nesse exercício de atenção

sensível e corporal, para além do escutar, foi possível estabelecer um diálogo genuíno entre avó e neta. Nessa relação, o aprendizado não vinha de fora, mas de um movimento crescente de dentro, atravessado pela prática.

Crochê como legado e atualização

O crochê é legado, mas é também “língua” e meio de comunicação. Esse legado, na concepção de Lins de Barros (1987) se refere a bens simbólicos, que são os saberes, afetos e modos de ser mulher que atravessam gerações. São transmitidos entre mulheres no espaço íntimo da vida familiar por meio da convivência, da observação e da repetição de gestos, silêncios e narrativas, e não por discursos normativos. O que Vó Edi viveu e sentiu marca a forma como ela ensina a viver, mesmo diante de discordâncias de sua neta.

Somos feitas de memórias que nos antecedem, de afetos que nos atravessam e de escolhas que reinventam o que recebemos. Além da técnica, recebemos concepções de mundo, de resistência, de práticas, éticas e estéticas. Um legado que se transmite pelo corpo, pelas mãos, mas que só se compreende com o coração atento.

O crochê, enquanto legado, não opera como lembrança cristalizada de um tempo passado, mas como prática que se atualiza no presente. Como sugere Rafael Devos (2009), a memória se constrói nos itinerários da experiência, sendo continuamente reativada conforme as condições do viver. Ao fazer crochê, Vó Edi aciona diferentes tempos de sua trajetória, que não se sucedem de forma linear, mas se sobrepõem como camadas de história incorporadas no gesto.

Fazer, seja no artesanato ou em qualquer outro tipo de atividade manual, implica uma relação interativa e intensa com o material e o ambiente (Ingold, 2022). O crochê mostra de maneira crucial a conexão entre a pessoa e o fio, em que cada ponto representa um ato de criação significativo, além de uma conexão profunda com o tecido da memória e da história. Cada ponto tecido é também um fio de vida sendo sustentado. Essa prática de fazer e estar no mundo com atenção não ficou restrita ao passado. Hoje, através da tecnologia digital presente no cotidiano de Vó Edi, ela segue se atualizando e aprimorando a técnica, mostrando como o gesto manual se reinventa e resiste ao longo do tempo. Isso mostra que envelhecer também é um tempo de invenção, revelando que a tradição não é estática, mas continuamente recriada. A presença da tecnologia não rompe com a tradição: ela a prolonga. Ao aprender pontos pela internet, Vó Edi se conecta a outras mulheres,

técnicas e estéticas, mostrando que o fazer manual se atualiza. Não há dicotomia entre o “antigo” e o “moderno”, mas uma continuidade criativa.

Além de manter o gosto e o gesto, ela também vende suas peças. Aceita encomendas, anota os pedidos num caderno, calcula o tempo e o tipo de fio. Mas, mais do que uma renda, o crochê e o tricô apresentam-se como prazer de seguir criando com as mãos, de continuar produzindo beleza.

Atualmente, na velhice, o crochê segue como uma fonte de renda complementar para Vó Edi, associada ao prazer de fazer e à manutenção de uma rotina produtiva. Embora não constitua sua principal renda, a atividade lhe garante certa autonomia financeira e simbólica, permitindo que ela continue produzindo, vendendo e se relacionando com outras pessoas por meio de suas peças.



Figura 5 - Tapete feito em crochê por Edi Magda, 2023. Fonte: Acervo da autora.

Dentre seus trabalhos, está esse tapete colorido que Vó Edi fez para a namorada do seu neto. Pegou a receita do tapete no Youtube e incorporou as cores que foram solicitadas. A disposição das cores, a escolha dos pontos e o acabamento mostram, não

apenas sua habilidade manual, mas também uma forma de expressão. Ingold (2022a) nos ajuda a compreender que fazer é sempre mais do que produzir um objeto: é manter uma correspondência com o mundo, uma relação viva entre corpo, matéria e atenção. Ao vender seus crochês, Vó Edi segue em contato com essa rede de significados, onde cada ponto carrega não só o tempo do trabalho, mas também o tempo da vida.



Figura 6 - Blusão feito por Edi Magda, 2024. Fonte: Acervo da autora.

Cada gesto, cada receita, cada explicação, dada no convívio direto ou mediada pela tela, foi sendo incorporado por ela como parte de um saber construído no tempo. Esse aprendizado não é linear, nem centralizado em uma única fonte: ele conforma uma malha, se atualiza, envolvendo novas tecnologias, entrelaçando relações, momentos e experimentações.

E assim como aprendeu “um pouco com cada pessoa”, hoje ela também transmite, mesmo que silenciosamente, esse legado feito de linha, paciência e presença. As peças que ela faz continuam contando histórias, mesmo quando quem as compra não conhece de onde elas vieram.

Embora o crochê não tenha se tornado uma prática central para todos os membros da família, ele também não deixou de circular entre as gerações. Algumas das filhas de Vó Edi aprenderam a fazer crochê e tricô, e uma delas, já aposentada, segue produzindo peças como forma de complementar a renda, além do benefício previdenciário. Essa circulação

desigual do saber evidencia que o legado não se transmite de maneira homogênea, mas assume sentidos distintos, conforme a pessoa, as relações e o momento da vida.

As fotografias aqui dispostas não são meras ilustrações. São, antes, parte da trama da pesquisa. Elas materializam o fazer como forma de conhecimento. Aprender é caminhar junto, prestar atenção, experimentar com as mãos. A prática do crochê, nesse sentido, não se resume a repetir receitas, mas a compor uma forma de vida em relação com o mundo, com os fios, com as pessoas (Ingold, 2022a, 2022b).

Linhas da vida

O crochê é ponto a ponto, e cada ponto está em consonância com o total, com o que vem depois, pois um ponto a mais ou a menos colocado na carreira pode mudar todo o trabalho, obrigando a artesã a desmanchar e refazer como tem que ser. As decisões que tomamos, os caminhos que percorremos, influenciam não só o nosso trajeto, mas também o das pessoas ao nosso redor. As experiências vividas são como linhas que vão sendo traçadas e entrelaçadas, criando sentidos, desvios e vínculos. Gabriela Novais (2023), ao refletir sobre os bordados e fuxicos no quilombo de Mituaçu, observa que os fios usados pelas mulheres quilombolas são também fios de memória, afeto, educação e resistência, entrelaçados em um processo que é coletivo, multigeracional e sensível. No caso desta etnobiografia com Vó Edi, cada ponto aprendido e transmitido também carrega consigo uma história, uma escolha, uma linha de vida.

Como diz Ingold (2022b), uma “linha é um fenômeno da experiência” (Ingold, 2022b, p. 76), ou seja, ela emerge no próprio ato de viver, de se mover e de perceber. Cada trajetória, então, traça linhas singulares, e essas linhas seguem se tocando, emaranhando-se com outras. As escolhas feitas por Edi Magda, os trabalhos que teve, os vínculos que cultivou, foram como linhas que ela desenhou no mundo com o próprio corpo, e essas linhas se entrelaçam com as de outras pessoas, seus parentes e amigos, influenciando-os mutuamente. Cada uma, tecendo sua parte no emaranhado da vida. Por exemplo, se ao invés de se separar do marido que a oprimia, ela tivesse resolvido submeter-se a ele, suas filhas e netos teriam seguido outro percurso. Outras escolhas teriam sido feitas, outras linhas teriam se traçado. As linhas da *meshwork* (Ingold, 2022b) são as trilhas ao longo das quais a vida é vivida, e a malha da existência não se forma pela conexão de pontos isolados, mas pelo entrelaçamento dessas linhas. No crochê, cada ponto depende do anterior e sustenta o próximo, tal como nossas vidas, que seguem entrelaçadas, mesmo que cada fio

tome uma direção distinta. Do mesmo modo, cada ser é como um fio que se move (Ingold, 2015), que improvisa um caminho, que se entrelaça com outros, e juntos formam os tecidos da existência. “Imaginar o mundo social como um emaranhado de fios ou caminhos de vida, sempre se embarçando aqui e desembarçando-se ali” (Ingold, 2015, p. 316).

As narrativas que emergem na etnobiografia de Vó Edi não se organizam como uma sucessão linear de acontecimentos, mas como um emaranhado de tempos vividos que se atualizam no presente do gesto. Dialogando com Rafael Devos (2009), compreende-se que a memória se constrói nos itinerários da experiência, como um percurso em contínua elaboração. A narrativa, por sua vez, opera por associação e montagem, articulando fragmentos de fala, gesto e prática, mais do que por uma ordem cronológica rígida (*idem*). No fazer do crochê, infância, trabalho, maternidade e velhice não se sucedem como etapas fechadas, mas se sobrepõem como camadas de história incorporadas por quem lembra enquanto faz. Assim, as linhas da vida de Vó Edi não se apresentam como um fio contínuo e uniforme, mas como linhas que se dobram, se cruzam e se espessam, reconfigurando o tempo a cada ponto tecido.

Na velhice, o crochê se apresenta não apenas como lembrança ou legado, mas como prática ativa que estrutura os dias, proporciona certa autonomia e conecta a pessoa com filhos, netos e com o mundo digital. Envelhecer, para Vó Edi, é também permanecer entrelaçada a esses fios de cuidado e criação. Sua história, embora singular, dialoga com a de tantas outras mulheres que, ao longo do século XX, encontraram nas práticas manuais um meio de sustento e expressão. Essas trajetórias revelam que a velhice feminina é também um campo de criação e política — um lugar de reexistência frente às restrições impostas pelo patriarcado e pela lógica produtivista (Debert, 1999; Peixoto, 2000). O crochê, então, é mais do que uma metáfora da vida: é uma prática de liberdade cotidiana.

A tessitura deste artigo não deixa de ser como as linhas que guiaram esta etnobiografia. Como no crochê, as coautoras compartilharam os fios que se originaram na prática colaborativa advinda do trabalho de campo com a protagonista deste estudo. É ponto que se soma a outro ponto e que, um dia, poderá sustentar, com delicadeza e firmeza, outras tramas ainda por vir.

O exercício da observação participante com Vó Edi, através da escuta atenta e da prática do crochê evidenciaram que práticas manuais não são apenas atividades de lazer, mas modos de produzir memória, afeto e conhecimento. Entre pontos e linhas, emergiram

histórias de vida e formas de envelhecer capazes de desafiar concepções hegemônicas que desqualificam a velhice.

O encontro entre avó e neta em torno do crochê também evidencia diferentes formas de viver e elaborar o feminismo. Enquanto a neta se aproxima dessas questões por meio da formação acadêmica, Vó Edi as experimentou no corpo, no trabalho e nas restrições impostas à sua vida. O crochê torna-se, assim, um lugar de tradução intergeracional entre experiências femininas atravessadas por tempos, linguagens e condições sociais distintas.

Ao tratar o crochê como método de correspondência, expressão e linguagem, a pesquisa mostrou que a etnobiografia pode ser também um gesto corporal e relacional, em que aprender junto é forma de escuta e escrita. Essa experiência sugere que as Ciências Sociais têm muito a ganhar ao se abrirem para práticas cotidianas que, muitas vezes, escapam aos registros institucionais, mas que estruturam modos de viver, envelhecer e pertencer.

Ao acompanhar a trajetória de Vó Edi, torna-se evidente que o crochê é como uma presença contínua, que se transforma junto com ela. Aprendido ainda na infância, em meio às exigências do trabalho precoce e às limitações impostas pela condição de gênero e classe, o crochê acompanhou seus diferentes momentos de vida: a juventude marcada pelo casamento e pela maternidade, os anos de trabalho fora de casa, a separação, e, hoje, a velhice. Não se trata, portanto, de um saber preservado intacto, mas de uma prática que se ajusta ao corpo que muda, ao tempo que se alonga e às condições concretas da vida cotidiana.

Nesse sentido, pode-se dizer que Vó Edi envelheceu junto com o crochê. À medida que seu corpo envelhece, o gesto também se transforma: o braço que dói, o ritmo que desacelera, a atenção se faz mais cuidadosa. O crochê, enquanto técnica do corpo (Mauss, 2003), não permanece igual ao longo do tempo; ele se reinscreve no corpo que o pratica, acompanhando suas possibilidades e limites.

Mais do que um resultado, este artigo é um convite a pensar a pesquisa como um trabalho artesanal, que se faz pacientemente, fio a fio, em diálogo com as pessoas e os mundos que habitamos.

Referências

AS LINHAGENS. Direção/Produção: Juliana Martins Marco. [Rio Grande: s. n.], 24 set. 2023. 1 vídeo (9 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5YB73-jbwkI>. Acesso em: 08 ago. 2025.

ANTÔNIO GONÇALVES, Marco; MARQUES, R.; CARDOSO, V. Z. *Etnobiografia*. [S.l.]: 7Letras, 2018.

BATESON, Gregory. *Rumo a uma ecologia da mente*. São Paulo: Ubu, 2025.

DEBERT, G. G.. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Universidade de São Paulo/Fapesp, 1999.

DEVOS, R. V. . A crise ambiental sob a perspectiva da memória e dos itinerários no mundo urbano contemporâneo. *Ambiente & Sociedade* (Online), v. 12, p. 293-306, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-753X2009000200006>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/asoc/a/fpFWcZXYGWRVfGfSYWvcf95L/?lang=pt>. Acesso em: 02 mar. 2026.

DEVOS, R. V. . “Filmes de memória” como hipertextos. *Revista Chilena de Antropología Visual*, v. 10, p. 137-162, 2007. Disponível em: https://www.antropologiavisual.cl/sites/default/files/devos_2007.pdf. Acesso em: 03 mar. 2026.

DINIZ, Debora; GEBARA, Ivone. *“Esperança Feminista”*. Rosa dos Tempos, Rio de Janeiro, 2022.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Tradução de Sidney Camargo. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HIKIJI, Rose Satiko Gitirana. Rouch Compartilhado: Premonições e Provocações para uma Antropologia Contemporânea. *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 14, n. 32, 2013. DOI: 10.22456/1984-1191.37743. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/37743>. Acesso em: 22 fev. 2026.

INGOLD, Tim. Desenhando juntos: fazer, observar, descrever. In: INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Vozes, 2015. cap. 18.

INGOLD, Tim. *Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia*. *Educação*, [S.l.], v. 39, n. 3, p. 404–411, 2016. DOI: 10.15448/1981-2582.2016.3.21690.

Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/21690>. Acesso em: 11 set. 2024.

INGOLD, Tim. *Fazer: antropologia, arqueologia, arte e arquitetura*. Petrópolis: Vozes, 2022a.

INGOLD, Tim. *Linhas: Uma breve história*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022b.

LINS DE BARROS, Myriam Moraes. *Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

LINS DE BARROS, Myriam Moraes. Memória e família. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. J, p. 29–42, 1989. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2277/1416>. Acesso em: 03 mar. 2026.

MARCO, Juliana Martins. *Tecendo memórias: entre fios e histórias*. Uma etnobiografia de Edi Magda Devos. 2025. 59f. Trabalho de Conclusão de Curso – Departamento de Antropologia e Arqueologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2025.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify p. 399–422, 2003.

PEIXOTO, Clarice. O vai-e-vem entre a montagem conceitual e a montagem imagética: entre o estigma e a compaixão: as representações de velho, idoso, terceira idade. In: *Envelhecimento e imagem: as fronteiras entre Paris e Rio de Janeiro*. São Paulo: Annablume, 2000. cap. 2, p. 49–62.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200–212, 1992. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 03 mar. 2026.

SANTOS, Gabriela. *Fuxico do bem: alinhavos entre memória, educação e bordado no quilombo de Mituaçu (Conde/PB)*. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Paraíba, [S.l.], 2023.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987. p. 36–46.

Recebido em 30 de setembro de 2025

Aceito em 09 de dezembro de 2025